

POLÍTICA ECONÔMICA

Futuro governo terá os mesmos problemas de hoje, diz Delfim

Qualquer que seja o governo que suceder ao do presidente Figueiredo, terá sempre os mesmos problemas que nós temos hoje, e um deles é convencer a Nação de que ainda que estejamos saindo das dificuldades não estamos caminhando para um regime de facilidades. Ao fazer esta afirmação, ontem em São Paulo, segundo a Agência Globo, o ministro Delfim Netto, no Planejamento, alertou que o País ainda tem de trabalhar muito para que possa voltar a um regime de plena prosperidade, com equilíbrio interno e externo.

Delfim Netto disse, em entrevista à Rádio Jovem Pan, que o presidente Figueiredo devolverá o País bastante organizado, "com reservas não abundantes mas suficientes para o seu trabalho e com seus fatores de produção voltados na direção correta do crescimento sem problemas no balanço de pagamentos". O ministro acrescentou que caberá ao próximo governo resolver o problema do controle da inflação.

"A inflação brasileira tenderá a cair somente em 1985, assim mesmo se for precedida de medidas como a firme retomada do crescimento econômico, uma política salarial que permita a substituição do po-

der de compra de classe média e uma adequada relação entre exportação e importação." O comentário foi feito ontem pelo vice-presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), Paulo D'Arrigo Vellinho, em palestra ao Rotary Clube do Rio Grande do Sul, informa a Agência Globo.

"Outra condição fundamental", acrescentou o empresário, "será termos um governo com saldo zero de erro. Além disso, o fator confiança deverá substituir o fator dúvida."

PENNA

A política de combate à inflação somente trará resultados práticos se o País deixar de trabalhar com superávits comerciais sempre crescentes a cada ano, entende o ex-ministro da Indústria e do Comércio, Camilo Penna. Segundo relato do repórter deste jornal, Eimar Magalhães, em Belo Horizonte, ele argumentou que a queda na inflação implica superávits menores do que o obtido neste ano: "Os números de 1984 serão conseguidos também à custa de uma política cambial agressiva, que, no final das contas, transfere o aumento nos preços dos produtos exportados para dentro do País", comentou.

Segundo o ex-ministro, os exportadores contam, hoje, com um ganho extra da ordem de 20% em suas operações. Ele explicou que as correções no câmbio se processam em média a cada cinco dias; de outro lado, o custo dos insumos utilizados na produção dos manufaturados exportados varia em períodos bem mais diversos. Para ele, trabalhar com superávits cambiais crescentes invalida a ação antiinflacionária.

Camilo Penna considerou fundamental uma libe-

ração das importações, até o momento ainda reprimidas. Salientou que as compras fora do País poderão acionar a modernização do parque industrial, ao mesmo tempo que promoverão uma redução nos preços dos insumos utilizados no País. "Essas cotações dos produtos que importarmos funcionarão, a médio prazo, como um mecanismo regulador dos preços internos, substituindo até a ação do Conselho Interministerial de Preços (CIP)", disse.